

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

LISBOA, 17 DE JULHO DE 1881

NUMERO 33

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

Summario. — *Chronica alegre*, Guiomar Torreção — *Cariátides*, escorços dramaticos, R. D., Thalia — *Madrid*, exposição de bellas artes, Manlius — *Carteira de um fantasista*, versos, José de Napoles — *Livros novos*, padre Senna Freitas — *Atravez do binoculo*, theatros do Principe Real e dos Recreios, Delfim de Noronha — *Rumores dos palcos* — Folhetins: *Albina*, George Sand — *Cardeal diabo*, Valentim Demonio.

CHRONICA ALEGRE

Acontecimentos graves teem perturbado estranhamente o equilibrio d'esta tranquilla cidade que gyra ordinariamente nos seus eixos com a regularidade monotona de um moinho... de café.

— A prisão do sr. Gomes Leal.

— A apparição do cometa.

— O regresso ao Porto da companhia de opera comica do sr. Garraio...

Se nos propozermos o trabalho de analysar esses acontecimentos, notaremos que se dá com elles o mesmo que com as arrecadas do Porto, isto é, que valem menos pelo peso do que pelo feito.

E o que é extraordinario, é que d'esses tres factos, o que parece mais serio e digno de ponderação, é exactamente o unico verdadeiramente recreativo.

Refiro-me ao cometa, que se tiver a amabilidade de não desmentir os illustres astrologos que fazem da sua cauda uma especie de trombeta de Jerico, e resolver effectivamente pôr um ponto final na ordem chronologica e na existencia mundana, *enfadonha*, segundo escreveu Shakespeare, *como um conto duas vezes repetido*, realisarás assim gentilmente o meu e o ideal egoista de muita gente, o qual consiste em morrermos todos no mesmo dia, subjugados pela mesma força, arrebatados pela mesma potencia, nutrindo a grata convicção de que não seremos victimas do esquecimento, que é a peor de todas as mortes, nem trocados pelo primeiro adventicio que se lembre de pôr uma esperança onde nós deixamos ao partir uma saudade!...

— A prisão do sr. Gomes Leal, sem ser absolutamente uma pagina côr de rosa que eu possa collar delicadamente na *Chronica Alegre*, não deixa todavia de exhibir varios aspectos risiveis e de suggerir algumas considerações comicas. Se esse poeta, aspirando á immortalidade pela extravagancia e á gloria pelo martyrio, ambicionava vagamente um holocausto e uma palma viridente, o governo paternal que nos rege, e que, segundo se vê, timbra em adivinhar e satisfazer os pensamentos dos subditos do sr. D. Luiz, poderia bem dispensar-se de intervir officialmente, fornecendo elle proprio esses objectos.

Uma subscrição publica, promovida pela iniciativa particular, ministraria o capital indispensavel para preparar um holocaustosinho decente, em que o poeta, devidamente aureolado, tisanasse as guias do bigode,—e uma palma, na confecção da qual o 103 poria toda a sua arte e todo o seu reclame.

Porque a verdade é esta, se a *Traição* do sr. Gomes Leal é effectivamente, segundo se afigurou aos srs. ministros, attentatoria das leis vigentes e das inviolabilidades monarchicas, (creio que é assim que se diz?) e quasi tão inflammavel como a nitro-glycerina que os nihilistas empregam para explosões de testas coroadas, retalhadas em filetes, como é que os mesmos srs. ministros permittiram a essa *Traição* a regalia, que ainda hoje usufrue, de saracotear-se, por espaço de tres mezes, nas montres dos livreiros, provocando, e é esse quanto a mim o seu unico delicto, não em face da lei que julgo superior a uma questão de fórma litteraria, mas em face do gosto, um diluvio de folhetos absurdos, crivados de outras tantas traições... grammaticaes?...

Se a *Traição* não passa de uma *boulade*, onde ha alguns alexandrinos primorosamente cinzelados e muitas audacias calculada-

mente inventadas, ou talvez dolorosamente sentidas, quando a sede do holocausto e a fome da palma devoravam o poeta, procederam de certo acertadamente deixando-a exhibir ao sol glorioso o seu titulo dramatico; — mas n'esse caso para que é que engaiolaram o pobre sr. Gomes Leal?...

Elle desejava, é fóra de duvida, um martyrio; meditando no deserto de Rochefort é no exilio de Hugo, o poeta sentira-se arrastado para as attracções do abysmo, no fundo do qual ululavam as Eumenides da demagogia, brandindo o facho petroleiro e assobiando a Marselheza.

O Limoeiro, porém, especialmente quando as moscas zumbem, as pedras estalam varadas pelo sol, e as arvores de Cintra abrem os braços e estendem as sombras, ao som da agua que canta crystallinamente serpenteando atravez dos musgos, é um martyrio não só muito incommodo, mas sobretudo muito reles...

— A partida da companhia portuense de opera comica é no fim de contas o unico ponto negro da semana lisbonense.

Essa companhia, em virtude de um amuleto que, segundo consta, trouxera da Invieta, o qual ainda até hoje se ignora se existia na algebeira da sr.^a Delmira, no braço da sr.^a Garraio ou no pescoço da sr.^a Thomazia, accendera um entusiasmo sobreposse, que ameaçou reduzir a cinzas o theatro, demasiadamente combustivel...

A partida d'essa ditosa *troupe* lançou por conseguinte no seio dos seus admiradores uma dôr aguda, que á hora em que escrevemos distilla ainda lagrimas enormes, grossas e lentas como pingos de cera...

GUIOMAR TORREZÃO.

CARIÁTIDES

Escorços dramaticos

R. D.

Um talento delicado, que se tem desenvolvido gradualmente, retrahindo-se a espaços, como as plantas melindrosas que só produzem depois de uma gestação laboriosa e difficil.

Nasceu no Porto, no coração do reino, onde parecem concentrar-se todas as energias e todas as forças latentes do velho Portugal.

Trouxeram-n'a do Porto contando apenas um anno.

Oriunda de uma familia distincta, fadada de certo para um futuro risonho, nem por isso deixou de entrar na vida pelo mais aspero e ingreme de todos os caminhos,—a pobreza.

Impoz-lhe ella, logo depois de abraçar a carreira do theatro, a condição ingrata de sujeitar-se ás incertezas, ás vicissitudes, ás alternativas crueis de uma companhia de provincia.

A companhia, com quanto dispozesse de uma riqueza fabulosa... de gargalhadas bohemias e de phrases alegres, achava-se, no tocante ao vil metal, n'um estado de pobreza quasi identico ao da pequenina actriz.

R. D. começou desempenhando uns papeis pequenos como o seu corpito enfiado e fragil. Esse corpo, embora crescesse depois mais uma ou duas polegadas, ficou sempre muito áquem da altura que attingiu mais tarde o talento da actriz.

Jornadeando de terra em terra, n'esse fadario de Ashaverus que faz de cada actor de provincia uma parodia do judeu errante, a companhia chegara a Torres Novas. Aconteceu passar por alli o actor Marcolino, esse artista graciosissimo, que tinha a propriedade de fazer rir, conservando uma seriedade comica imperturbavel, espirito vivaz que a morte apagou de subito.

Marcolino leu o horoscopo da mulher no olhar scintillante da criança, e apontando-lhe para a terra da Promissão, *a cidade de granito á beira mar plantada*, disse: *caminha!*

A pequenina actriz, que sonhara mil vezes, do fundo obscuro do seu palco provinciano, com essa temível Lisboa, cheia de seducções irresistiveis e de perigos vagos, estremeceu.

— Pois eu sou lá capaz de representar nos theatros de Lisboa!... exclamou, tendo nas faces o rubor do pejo, e pensando — revelações subitas! — exactamente o contrario do que dizia.

Pouco tempo depois, R. D. apresentou-se em D. Maria ao dr. Luiz da Costa, que lhe prometeu um *debute* certo e uma escriptura provavel.

Francisco Palha, a *fine mouche*, cortou logo pelas probabilidades, offerecendo, sem mais delongas, escripturar a juvenil actriz.

R. D. estreitou-se na mesma noute em que se estreitava o theatro da Trindade.

Elle, com as suas brancuras de perola, os seus frisos dourados, ostentando a elegancia garrida das construcções modernas, banhando-se n'uma onda quente e macia de luz, que jorrava, espumando torrenciosa, dos candelabros reluzentes.

Ella, com a sua mocidade devaneadora, rica de esperanças e tremula de receios...

Subiram á scena n'essa noite de festa, a *Mãe dos pobres* de Ernesto Biester e o *Xerez da viscondessa* de Francisco Palha.

O publico, depois de saudar encantado o primeiro theatro, no genero parisiense, que lhe offereciam, acolheu na mesma temperatura de entusiasmo essa flor que desabrochava, exalando um suave aroma de modestia graciosa.

O theatro da Trindade que encetara carreira soluçando, pendurando-se do pescoço obeso da velha rhetorica dramatica e aspirando a enospar os *marotinhos* da burguezia, foi pouco a pouco perdendo essas velleidades sentimentaes, até que resolveu atirar-se uma noute, ebrio de jubilo, aos braços magros e nervosamente electricos de Offenbach.

R. D., não querendo abandonar o querido theatro que lhe dá as primeiras horas de ventura da sua vida de artista, transformouse tambem, e começou a gargantear a musica de Offenbach e Lecocq com a vossinha petulante, aguda e ironica dos melros.

Bellas noutes essas, em que R. D. e Brazão pareciam dois pastoresinhos de *biscuit*, sorrindo-se um para o outro dos dois extremos das ribaltas, e dando um encanto excepcional ao primeiro acto do *Barba Azul*, só com serem elles que cantavam:

*Ambos nós,
Aqui sós*

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEXTA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.^a DE NESMOS

Castello d'Autremont.

Surprehendido, como deves calcular que fiquei, em presença d'este episodio choreographico, fui certificar-me se o guarda tinha ou

*Fallando terna linguagem,
Nossos amores,
Como as flores,
Occultando entre a ramagem.*

Nunca mais o *Barba Azul* apanhou uma princezinha e um pastor (*o seu pastor!*) d'aquella estofa...

A negação invencivel da graciosa actriz, confessada por ella propria, para o genero explorado na Trindade, encaminhou-a afinal ao theatro de D. Maria.

Datam d'ahi os aspectos imprevisos, as fases completamente novas, os triumphos definitivos d'esse talento delicado, gracioso, original, que encarna com maravilhosa facilidade as figurinhas ligeiramente esboçadas da *bluette* moderna.

R. D., que não tem a nota dramatica, a inflexão commovida, que expira suavemente no ouvido, como o ecco de uma voz amada ou de uma saudade ardente, exalando-se atravez das lagrimas, dispõe em compensação de uma escala opulenta de tons humoristicos e de vibrações espirituosas.

Poucas actrizes declamam o verso como R. D. A estrophe brota-lhe dos labias correcta, finamente colorida e tocada de uma subtil ironia, enlaçando-se naturalmente ao dialogo e mantendo a afinação irreprensivel.

A *Mantilha de renda* e o *Desquite*, dois successos da sua vida artistica, bastam para documentar a affirmativa.

A actriz alcançou de golpe, no palco de D. Maria, onde permanece ainda hoje, um logar eminente, deixando um rastro luminoso em todas as peças onde figura o seu nome, e obtendo ultimamente um triumpho excepcional na interpretação do papel de Baronette no *João Tommeray* de Sardou, que é sem contestação uma das mais completas e das mais notaveis creações do theatro portuguez.

A gentil actriz é o typo genuino da mulher *mignon*: corpo delgado, airoso e baixo; cara resplandecente de vivacidade e bom humor; cabelo louro cendrado, olhar penetrante, com faiscões de iris marino, e na bocca um sorrisinho malicioso que se adapta aos ditos agudos como os pontos aos *ii*.

THALIA.

LIVROS NOVOS

DIA A DIA DE UM ESPIRITO CHRISTÃO

Assim se intitula o novo livro do padre Senna Freitas, não simplesmente escripto, como a maioria dos livros, mas profundamente sentido. O estylo, lapidado a primor, veste gloriosamente a idéa que desabrocha, como um bello lyrio branco, illuminada pela fé e orvalhada pelo pranto enternecido da caridade. Consta esta curiosa obra de uma selecção de maximas conceituosas, onde transluz a preocupação dominante de *fazer o bem pelo bem*. Sem descer do alto da sua profissão sacerdotal, e mantendo sempre a gravidade

não saído para ir ao encontro do duque, e instei com a *signorina Fiori* para que começasse a sua narrativa.

— Sou, disse ella, uma engeitada, abandonada por paes desconhecidos...

— E célebre, exclamei eu; tal qual o principio da minha historia!

— Deveras? Somos pois dois aventureiros em toda a força da expressão. O sr. Fiori não era meu pae, mas sim um velho dançarino sem emprego, que vivia de dar lições onde pudesse arranjar-as. Passando occasionalmente pelas montanhas onde eu guardava cabras, na idade de dez annos, viu-me dançar em pleno campo uma especie de fandango. Surprehendido em vista da minha magreza, elasticidade e ligeirisa, offereceu-se logo para levar-me comsigo e fazer-me ganhar bom dinheiro. Eu não tinha a menor idéa acerca do que poderia ser a vida e a sociedade. Estava quasi selvagem, não sabia ler nem escrever, mas sentia vagamente o horror da miseria. O que me seduzio n'esta offerta foi a promessa de me vestirem decentemente. Offerecendo-me elle um vestido novo, pedi-lhe logo uma camisa. Era objecto que eu nunca possuiria, e quando alguma

indispensavel a uma voz que tem por objectivo celebrar a omnipotencia de um Deus, o padre Senna Freitas assenta-se desprezenciosamente na espalda do monte, ao nivel do commum dos homens, cujas vozes andam empenhadas em missionar cultos menos ethereos, e na paz tranquilla da consciencia, analysa os factos e contempla as pessoas que vão passando ao longo da estrada, luclando, padecendo, dilacerando os pés e despenhando-se, não raro, em precipicios insondaveis, em quanto elle, o solitario, scisma, ama e cre á sombra d'essa divina arvore, eternamente florida, que se chama Fé.

É esta impressão, acima de qualquer outra, que resulta da leitura do *Dia a dia*, modelado na melhor prosa portugueza. Offerecemos aos nossos leitores alguns pensamentos, colhidos ao acaso, entre as florescencias d'esse horto, caprichosamente cultivado.

Nunca vos succedeu, ao enxergardes um ignorantão opulentamente trajado, lembrar-vos d'um livro de luxo... em branco?

Convivas do banquete da vida, juntamos todas as migalhas do tempo.

Que é o presente, gerado do passado e prenhe do futuro, se não a crysalida que em si contém a substancia do verme que foi, e o embrião do insecto alado em que vai transfigurar-se?

Se Pascal chama á imaginação «a louca da casa», não ha uma epoca da vida em que o coração se pode chamar o cumplice d'ella?

É nos classicos que eu aprendo a não copiar servilmente os classicos.

Fragil vontade humana! Eterna Penélope que incessantemente urdes e desurdes os fios da tua têa; quando queres de vez?... Não é que por ti só tudo possas, mas lança corajosa o fio urdido, Deus se encarregará de o apertar.

A vida physiologica do coração resume-se em dous movimentos musculares e invariaveis — systole, diastole —, e a vida moral do coração passa-se tambem entre dous sentimentos oppostos e correlativos, esses dois movimentos organicos, expressão e contracção.

das minhas companheiras se gabava de ter camisa, afigurava-se-me isto um luxo fabuloso. A mulher que tomára conta de mim, e que me estafava fazendo-me trabalhar por sua conta, poz-se logo de accordo com o sr. Fiori e por duas peças de oiro cedeu-me sem a menor saudade. Segui-o sem receio, encantada de ver mundo novo, e impaciente de mudar os meus trapos de chita pelos fatos de brocado de oiro e prata, que elle me promettera. Não se demorou muito a realisacção dos meus desejos. Recebi logo um fato de jornada, que constava de um vestido, duas camisas, meias e um chapeo de palha com fitas de côr. O meu protector não me quiz dar sapatos. Limitou-se a umas sandalias de cotim riscado, afirmando que era o unico calgado que não maguava nem aleijava os pés; e como eu as recusasse: «Animalsinho, disse-me elle, não sabes tu que toda a fortuna do teu futuro depende dos teus pés? Bem feliz foste em ter andado descalça até hoje. Estás livre para sempre d'essas terriveis doenças de pés, que fazem com que de dose aprendizas de dançarina, dez pelo menos fiquem postas de parte, doentes e estropiadas para o resto da sua vida». Na primeira paragem que fizemos, encontrou elle outro dançarino, seu conhecido, que o convidou a jantar e

O nosso coração começa por dar-se a todos e acaba por confiar em bem poucos.

Respeitemos a velhice. É entre as suas rugas que se escondem os mais preciosos segredos da experiencia.

O mundo está dividido entre o amor e a guerra, pela rasão talvez de que... o nosso planeta está collocado entre Venus e Marte.

Entre o rico e o pobre ha menos distancia, perante a natureza e o christianismo, que entre o diámante e o carvão, e todavia o diámante não é mais do que um pedaço de carvão crystalisado. Pobres ricos que o ignoram ou fingem ignoral-o.

O talento busca, o genio descobre, o talento coordena, o genio cria, o talento reflecte, o genio vê, o talento erra, o genio não, ou aberra de si proprio. Aquelle é humano, este divino, aquelle nunca perde a terra de vista, este penetra a nuvem, ala-se ao puro azul do espaço e fixa o sol. O tempo gasta e tisna o ouro do talento, mas deixa intacto e perfeitamente translucido o diámante do genio. Um sóbe á estante da livraria selecta do sabio, outro ao Pantheon dos immortaes. Para o talento ha presente e passado, o genio é sempre actual na humanidade.

O amor ama-se n'outrem, a amisade ama a outrem.

A alma é corpo quando o homem digere, o corpo é alma quando elle medita.

Ornar com as custosas galas da litteratura assumptos obscenos (como o fez por vezes Byron e Scribe, e o usa o realismo) é escolher a putrefacção d'um monturo para sobre elle ostentar as florescencias do mez de maio.

O templo da sciencia, e o sanctuario da esthetica, tem-se convertido em hospitaes de doidos. Ao observal-o quasi que sinto haver-me ordenado; seria talvez mais util ter-me feito medico alienista...

lhe perguntou quem eu era. O sr. Fiori, voltando-se para mim, disse-me: «Dansa, para que se veja o que tu sabes fazer». Marcou-me o compasso com um pandeiro e eu dancei um fandango. Foi grande a minha surpresa quando vi o dançarino extasiado, afirmando que eu era uma creatura excepcional, um ser aerio, uma maravilha, um thesouro. Offereceu cem francos, pagos á vista, se o meu protector me quizesse ceder.

O sr. Fiori recusou, e levou-me a...., onde immediatamente me exhibiu em um palco, trajando um *costume* de phantasia e um vestuario de meia. Fui muito applaudida, e no dia seguinte tomei posse de um fato de escomilha salpicado de lantejoulas e uns sapatos de setim branco. Estava radiante de alegria, e supliquei ao sr. Fiori para não me ceder a pessoa alguma, visto que as ofertas cho-viam por todos os lados.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

(Continua).

Que optimos amigos seriam as paredes se, assim como tem ouvidos, tambem tivessem bocca para nos contarem o que de nós ouviam!...

A razão porque muita gente não sabe conversar é porque *não sabe escutar*.

É a amisade um sentimento que eu tenho em subida conta, por que rareia cada vez mais, como se o coração sujeito assim, como outr'ora o globo, a um arrefecimento progressivo, já não fosse susceptível d'aquelle grau de calor em que a fusão da amisade se opera.

Infeliz do que nunca deu de rosto comsigo do meio do rodopiar constante da existencia. Infeliz do que nunca se encontrou a sós, em face do seu espirito, e travou monologo com o pensamento para se perguntar a si mesmo—o que sou eu, d'onde venho, aonde vou.

Para o espirito obtuso tudo é nada, para a mente reflexiva nada é tudo.

O estylo não se aprende é um talento litterario do escriptor; póde sómente aperfeiçoar-se.

A esmola é só metade de um acto de caridade, o modo de a dar constitue a outra metade.

Se os nossos incredulos soubessem experimentalmente a coragem que inspira, a segurança que communica, a resignação que insinua, a fortaleza que dá, a audacia que accende esta só palavra: *à conta de Deus!* punham-se de joelhos e recitavam, de melhor aviso, o Credo que suas mães lhes ensinaram sobre os joelhos. Ai d'elles! que nas horas profundamente tristes de desalento e agonia soltam um grito de desespero no vasio da sociedade que os desdenha e no vasio ainda maior de um coração ermo de toda a crença, e o echo

FOLHETIM

O CARDEAL DIABO

(ULTIMA NOITE DE HOFFMAN)

IV

Todo o excesso de força e de vida, de mocidade e de belleza eu poderia consumir nas mais estrondosas dissoluções, entre fremitos de beijos. E via-me coroado de duque, n'um frio palacio negro, abrindo sobre um canal soturno, em quo no gelor das madrugadas, corpos apunhalados caem, com pedras ao pescoço, apagando as suspeitas d'um crime. E deleitar-me-hia incendiando cidades, com fluidos subtis da alchimia, que inventaria perdendo noites, em subterranos malditos, cheios de retortas estranhas e um grande rumor de reacções. O meu carro de despota, rasgando as turbas, abatidas e despojadas pela minha cubiça, cortaria em carne humana, caminhos sanguinolentos, entre scintillações de lanças e a triumphante alegria dos estandartes de seda, que mostram ao povo os stemmas hieraldicos dos principes saciados e corruptos. E para realizar todos esses sonhos, todos esses caprichos, todas essas loucuras, o ouro de meu amo era indispensavel. Pensava eu assim. Um rumor vago agitou-se. Ergui-me semi-nu, fui olhar o corredor. Ao fundo, junto da grande janella gothica que abre sobre o parque, uma figura branca caminhava lentamente, arrastando alvas, e uma luz ba-

tao confortador d'este nome—Deus—não responde ao grito da sua dor!

Epochas ha, em que a vida se torna um sepulchro, sobre o qual o desgraçado, qual estatua viva da melancolia, verte as lagrimas abrazadas de uma immensa dôr, n'um cemiterio-ermo onde só a religião penetra de quando em quando para enxugal-as. Sim, epochas ha em que a vida mais parece um sequito funebre que um jornadaear, e em que o homem, se alguma palavra tivesse a coragem de escrever seria esta: *aqui jaz*.

Qual é o adversario que os espiritos rachiticos menos podem encarar de frente? O merecimento alheio.

Todos estão sujeitos á critica... Engano-me; não estão nem nunca estarão os que cruzam os braços e vejetam na inercia improductiva.

PADRE SENNA FREITAS.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

Juntava-se na sala a *flor*, a mocidade,
Quanto havia de bello em toda a capital;
A morena creoula, a vivida hespanhola,
E até nem sei se havia alguma oriental!

Havia em profusão christaes e candelabros
Jorrando ondas de luz por sobre a multidão,
E bellos hombros nus, e seios arquejantes
Ao findar d'uma valsa o doido turbilhão.

Ia no meio a festa, a turba radiante
Era toda loucura, e rizos, e alegria;
E um confuzo rumor de vozes argentinas,
Qual muzica celeste,—a vasta sala enchia.

ça, vaga, triste, ia tambem caminhando com ella. Era o phantasma em que eu ouvira fallar ao povo da aldeia circumvisinha, o espectro do velho balio de Castello Negro, que apparecia todas as noites ás janellas do norte, procurando em balde—ai!—as chaves do tumulo de seu filho, enterrado vivo, aos doze annos—pobre creança ideal!

D'elle corriam, entre os montanhezes, as mais espantosas tradições. Chorava sobre os eirados, um choro hediondo e terrivel, entre os clamores da tempestade; e alongando os braços enormes, perdidos nas nuvens, muitas vezes o sentiram vibrar maldições apocalypticas contra o mundo e contra Deus. Ajoelhava nas encruzilhadas, juncto das capellas em ruinas, á beira dos penhascos, esquecido na sua oração mystica, de uma fé legendaria. Viam-o correr pelo ceu, como um passaro desvairado, as roupas fluctuando esfarapadas em aguaceiros sobre as cearas, arrancando carvalhos pela raiz, torcendo-se de noite, como uma tromba marinha, na solidão dos oceanos, devastando esquadras, submergindo paquetes, com garalhadas satanicas, e o olhar fuzilando em clarões de Sant'Elmo, no cimo das cordagens. E outras vezes, como uma pessoa, chupado e esqueletico, uma grande barba pelo peito, a mortalha branca arastando, como se o tomasse saudade amarga, vinha, desfallecido, encostar a fronte ás vidraças da janella gothica, soluçante, chamando o filho.

Na aldeia causava horror. As velhas resavam para não sonhar com elle, os camponios recolhiam cedo para o não encontrarem nas pontes rusticas, na solidão das estradas, quando vem cahindo a noite. E agora tão perto do mim!...

Então eu via entrar, serena e magestosa,
Volvendo em torno a si um longo e vago olhar,
E a turba que fallava, e ria, e doidejava,
De subito deixou de rir e de fallar.

É que ella era a formosa, a bella entre as mais bellas,
De divinal belleza a viva encarnação!
Estatua superior á Galathea antiga,
Pois tinha dentro em si os fogos d'um volcão.

A turba admirava aquella belleza esplendida,
E quasi se curvava ao vê-la assim passar;
Cada homem era vassallo aos pés d'essa rainha,
Que era a unica, alli, do sceptro a duvidar.

Em mais d'um rosto d'anjo eu vi a inveja pallida,
Mas ninguem se atreveu a maldizer sequer...
Invejavam-lhe o brilho, a gentileza, a graça,
Esquecendo talvez... que era tambem mulher.

JOSÉ DE NAPOLES.

MADRID

Exposição de Bellas Artes

III

A pintura de genero anecdotico e de costumes, é a parte mais numerosa da exposição. Os pintores modernos são forçados a cultivar de preferencia a pequena pintura por ser a que encontra, nos mercados, maior numero de amadores e mais facil venda. Luiz XIV ao vêr os quadros de David Teniers, disse, sem pestanejar, *ottez moi ces magots*; era que a grandeza magestosa do rei-sol não podia supportar o espectáculo picaresco e plebeo das *kermis* do espirituoso pintor flamengo. Miguel Angelo tambem não lhe era muito affeiçoado.

Desde esse tempo, parece que a temperatura atmospherica tem resfriado muito, e talvez tambem o sangue, nas veias dos *grand seigneurs* da nossa epocha. Os seus palacios miniaturas já não podem comportar os grandes quadros; só e a muito custo as peque-

Lembrava-me que uma vez tambem, a bruxa Dorothea me promettera uma visita á meia noite, por eu lhe atirar pedradas.

Devia chegar pela janella, montada na sua vassoura, com cabeça de cabrito. E toda a noite esperei por ella e não appareceu. Tinha ouvido dizer que os mortos não sabem nunca dos seus tumulos — talvez fosse verdade! E cheio de uma audacia de bandido, descalço, tremendo de frio, fui ao encontro do phantasma, que tinha parado, a um canto, e parecia, curvado como estava, estar contemplando alguma cousa occulta. Procurava, com mil cautelas, não fazer ruido. Elle batia surdamente a um canto, com abalos vagarosos, cheios de precaução, para não acordar ninguem. Subito, houve um estalido, como d'uma mola que salta e reage depois. Eu estava proximo d'elle, olhando, com um punhal nos dentes, e no cerebo baques impetuosos de cubiça que me exigiam crimes para socegarem. Olhei, a principio com medo. Depois estava cego, deslumbrado, attonito! No chão escavava-se um grande cubo, revestido de laminas, de um metal fosco. Uma tampa, formada pelo losango de marmore, que com milhares d'outros, formava o xadrez, brilhante e humido do corredor, girando, punha a descoberto essa cavidade, repleta de riquezas, base do meu sonho iriente de phantasias e dissoluções.

O meu olhar mergulhou sofregamente, n'esse cofre mysterioso, que como os thesouros das mouras encantadas, só se abria a mortas horas, em noites de tempestade, quando o pavor das lendas evoca dos tumulos malditos, madidos phantasmas, que soluçam uma velha desgraça guerreira, um assassinato infame, na solidão dos eirados goticos, em tempos perdidos no vortice das edades de ferro

nas anecdotes que fazem rir. Se o artista erguer o pensamento mais acima da frioleira pintada, tem a certeza mathematica de morrer de fome antes dos quarenta annos.

O gabinete dourado é exigente e caprichoso como uma *petite maîtresse*, quer que o alimentem de pequenas orgias intimas, muito appetitosas e cheias de sal e pimenta.

Esta realza de *boudoir*, enervada pelo aroma do almiscar e pela lisonja, vae-se transformando gradualmente com a marcha dos seculos, até que definitivamente se metamorphosará n'um insecto venenoso, que não sómente ha de apodrecer os verdadeiros e immutaveis principios da arte, como os de todas as cousas.

Os pintores hespanhoes teem-se prestado de bom grado a povoar de pequenos quadros, admiravelmente executados, as salas dos amadores endinheirados. É preciso reconhecer que n'isso tem gasto grande quantidade de espirito e realizado incriveis *tours de force* de execução, talvez superiores aos numerosos pintores da escola flamenga.

Comecemos pelo quadro do sr. D. Roman Ribera, de Barcelona, *Un bebedor flamenco*. Esta telasinha não passa de uma *pastiche* de Franz-Halls, mas feita com a maxima habilidade. O celebre auctor da *Guarda Civil*, não desdenharia assignar este *bijou* de côr e de expressão, com o seu nome.

Os madrilenos ao vel-o podem dizer maliciosamente: «este flamengo mora entre Pinto e Valdemoro». *Cual los mazos del batan... unos vienen y otros van*, um dos melhores quadros de genero, muito espirituoso e bem grupado. Não ha confusão de figuras, todos os personagens estão nos seus logares. Muita sobriedade de detalhes, ao contrario de muitos pintores, n'este genero, que costumam occultar a pobreza do assumpto com a representação de uma infinidade de objectos.

O sr. Tegedor representou uma bella sacristia onde se está passando uma scena tão vulgar como *los mazos del batan, unos vienen y otros van*. O padrinho está pagando ao reverendo cura da parochia os emolumentos que a egreja recebe por um baptisado. Ha bastante vida e muita naturalidade. A nota é boa e agradável.

Flora do sr. Casado del Alisal, é uma phantasia do distincto auctor da *Leyenda del Rey Monge*, de que mais adeante fallaremos.

Francamente, confessamos que nos deixou frio e indifferente a flora de cabellos vermelhos do sr. Casado. Apenas algumas flores n'um prato de metal e mal pintadas. Os estofos são ricos, bordados a ouro; está sentada n'uma cadeira dourada, sobre um fundo *gris* e côr de rosa. É um Watteau em ponto grande, com ares de boa pintura. A figura está perfectamente desenhada e parece pelo todo do

e de trevas. Apertava um punhal nos dentes, que descobria uma manhã, cravado na tapeçaria da camara de meu amo, oxidado e tosco.

O thesouro estava alli: era baixar-me, embeber a lamina no coração d'aquelle solitario phantasma; com uma tocha ferir o incendio ao longo das salas desertas: e carregado com as riquezas descobertas na cavidade, fugir desganhado, pelo aqueducto, até porto de salvamento. Seria uma estrondosa aventura: iam começar os grandes tempos dourados da minha gloria, em que triumphos inultrapassaveis deslumbrariam as cidades em que eu residisse. Que cangado andava — realmente — d'aquelle obscura vida de pagem ingenuo, isolado na glacial enormidade de salões bolorentos. Encetaria a vida dos grandes senhores castellões, com os prazeres das amantes andaluzas, que dançam *boleros*, constelladas de lantejoulas; com as grandes cavalhadas monumentaes, em que se exhibem elegancias funestas, e se travam apostas que arruinam. Iria de noite, vestido de negro, com a *montera*, cahida sobre os olhos, roubar abbadessas louras, que se rojam nas escadarias das capellas, flagellando as carnes palpitantes e lubricas. E pensando semelhantes loucuras, ergui a arma, para acabar com aquella obstaculo. O espectro voltou-se de um salto, como um manequim, a quem puxavam o cordel. Era meu amo.

(Continua).

VALENTIM DEMONIO.

quadro que o sr. Casado quiz recordar-se da *Salomé* de Henri Regnault. *Non é vero ni bene trovato*. O duque de Fernan Nunez é o possuidor da tela do sr. Casado.

Aduaneros carlistas registrando una diligencia, quadro do sr. Araujo Ruano, discipulo de Leon Bonnat. O sr. Araujo não nos parece que frequentasse o *atelier* do vigoroso pintor francez. Passemos adeante sem fazer questão de escola.

O quadro não é desagradavel e a execução dos seus detalhes é muito cuidada. Alguns dos personagens carlistas teem bastante typo e expressão.

El pan nuestro de cada dia, é um *Padre Nosso* pintado com certa originalidade pelo sr. Pellicer. Gostamos muito da cartilha por onde reza o sr. Pellicer e estamos muito certos que ha de ter sempre que comer emquanto pintar assim.

D. Quijote en casa de los Duques, do sr. Recio y Gil. Quem não conhece esta peripecia chistosa da vida do *desastrado hidalgo de la Mancha*? O sr. Gil fez o que ponde, mas não nos parece que tenha o mesmo sainete que lhe deu Cervantes. É uma pintura facil e razoavelmente grupada.

La vendimia, bellissima pintura do sr. Planella y Rodriguez. O colorido é brilhante e muito justo, bem composto e bem desenhado. Ha muita vida e muita alegria em todos os grupos. O feliz aspecto d'este quadro faz-nos pensar em muitas terras de Hespanha em que os habitantes só teem pedras para vindimar e alguma carqueja para os aquecer no inverno.

Mamá, por qué pega Jesus á eses hombres?, uma sacristia bem pintada pelo sr. Rodriguez de la Torre.

Por detraz do padre que está recebendo do padrinho o importe da inscripção do neophito, no livro dos christãos, está um quadro representando Jesus expulsando do templo do Senhor, os vendilhões. Do lado esquerdo, no primeiro plano, está uma menina apontando para o quadro e perguntando á sua bella mãã a razão d'aquillo, emquanto que o padre vae contando e olhando fixamente para o dinheiro que recebe. Os diversos persooagens que compõem o resto da scena, são finamente pintados.

O quadro do sr. Rodriguez é notabilissimo emquanto á sua execução e ainda muito mais pela atrevida ideia que representa. Não sabemos, porém, se a pintura está no seu direito applicando satyras tão mordazes a um assumpto que sempre lhe mereceu tão carinhosas paginas. Que diria Fra Angelico de Fiesole se visse o notavel quadro do pintor hespanhol?

Rinconete y Cortadillo, dois rapazes promettedores, que vão sofrer um exame em regra feito pelo *señor* Monipodio; os mariolas teem boa pinta, são dois consummados *pilluelos* que hão de fazer maravilhas, sob a direcção de tão fino mestre.

O D. Monipodio é uma figura de alta recommendação; o sr. Montero y Calvo não devia estar á sua vontade quando o copiou, e havia de fazer mentalmente o inventario do seu *atelier*.

A novella de Cervantes foi fielmente interpretada pelo artista. Ganchuelo é uma das boas figuras da chistosa composição, adivinhasse n'elle o refinado tratante que conhece bem a sua especie. Toda a confraria, muito boa gente andaluza, não ha duvida e muito teemente a Deus e aos sanctos.

(Segue.)

MANLIUS.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro do Principe Real

PARA UM ROTO... UM DESCOSIDO, operetta em um acto, de Rogel, traduzida por Gervasio Lobato.

Agradou extraordinariamente no theatro do Principe Real, onde subiu á scena pela primeira vez no sabbado 9, esta encantadora opereta de Rogel, traduzida por Gervasio Lobato. Os dialogos são engraçadissimos, irisados de bons ditos e lançados no andamento do *allegro bravissimo*, sem compassos de espera e sem o *rallentare* da tirada estopante, que estrangula tantas comedias e agita desesperadamente tantas botas.

Esther de Carvalho deu um relevo inexcédível aos seus dois papeis, destacando completamente as duas individualidades, totalmente distinctas, da ama e da criada, dizendo com muito espirito o dialogo, accentuando todas as inflexões e aproveitando com superior talento todos os effeitos comicos.

Depois de obter um novo triumpho, como actriz, Esther brilhou como cantora, executando primorosamente a musica deliciosa de Rogel, distinguindo-se no tango, que cantou admiravelmente, imprimindo-lhe uma expressão arrebatadora e recebendo da parte do publico uma ovação estrondosa e merecidissima.

Ribeiro tirou um partido incrível dos dois papeis do major e do impedido, apresentando n'este ultimo uma caracterisação soberba. Não se descreve a naturalidade inexcédívelmente comica d'este grande actor, os geitos que elle dá á phrase e o jogo physionomico que é uma das suas superioridades.

Não ha *spleen* que resista á graça de Ribeiro, ás suas caretas, aos seus falsetes, a uns certos pulos especiaes que são só d'elle.

A nova empreza do Principe Real, inaugurada sob os melhores auspicios, navega, como se vê, em maré de rosas.

Logo á primeira peça nova, um successo ruidoso, e duas vezes justificado, pela operetta, que é lindissima, e pelo desempenho que é admiravel.

Theatro dos Recreios

SINOS DE CORNEVILLE, 2.º acto.

A companhia portuense de opera comica que tem estado nos Recreios, guardou para as ultimas recitas de despedida, como *un fin ragout*, o segundo acto dos *Sinos de Corneville*. Ora quer-nos parecer que a companhia, ou por outra o seu illustre director o sr. Garraio, laborou a este respeito n'um erro capital.

Porque a verdade é esta, os *Sinos de Corneville*, pelo menos o acto que serviram ao publico, é de todos os trabalhos dos artistas portuenses o mais inferior, e por muito que pretendamos fugir aos confrontos, não podemos deixar de dizer que depois de um desempenho como os *Sinos* obtiveram na Trindade, era quasi impossivel esperar outra cousa.

Todos teem ainda bem presente o trabalho admiravel de Ribeiro, a sua caracterisação medonhamente repulsiva, a expressão que punha arripios, o gesto, o olhar, os gritos inarticulados que se lhe estrangulavam na garganta, enfim uma criação completa, de um realismo assombroso.

Gama, que é aliás um actor distincto, não teve na infeliz interpretação do personagem de Gaspar uma unica inflexão natural, d'estas que repercutem no ouvido e ficam vibrando dentro d'alma. Achámos apenas digna de menção a palmada que elle dá na mesa, quando resoa a primeira pancada dos sinos; mais nada.

Manzoni deu-nos uma Germana muda e queda como um penedo, e além de queda e muda, horrivelmente vestida.

Amelia Garraio agradar-nos-hia talvez muito no personagem de Rosalina, se acaso não tivessesmo visto Herminia.

A companhia seguiu para o Porto, recebendo na ultima recita, (que deu uma enorme enchente ao theatro), as mais ruidosas demonstrações de apreço.

Parece que tenciona voltar em breve, trazendo reportorio novo.

DELFIN DE NORONHA.

RUMORES DOS PALCOS

Sóbe hoje á scena no theatro do Principe Real o applaudido *vaudeville*, *Niniche*, sendo o papel da protagonista desempenhado pela eminente cantora Esther.

*
* *

A Trindade abrirá no 1.º de setembro com a *reprise* dos *Dra-gões*.

*
* *
Beatriz faz beneficio com o *Divorçons*, de Sardou.

*
* *
Teem sido pouco concorridos os concertos do Colyseu.

*
* *
A actriz Carmen, do Porto, foi escripturada para a Rua dos Condes.

*
* *
A empreza de S. Carlos de Napoles soffreu este anno um prejuizo de 24:000\$000.

*
* *
A *Aida* vae ser cantada no theatro imperial de Vienna por Durand, Biancolini, tenor Barbacini e barytono Aldhighieri.

*
* *
A Companhia lyrica Ferrari cantou a *Africana* em Montevideo. Eis o que a esse respeito diz um dos principaes jornaes americanos :

«O tenor Tamagno fez um Vasco da Gama que satisfez até aos mais exigentes, e a sr.^a Borghi-Mamo, diz a revista musical de Buenos-Ayres, lutando com todos os inconvenientes physicos, demonstrou todavia conhecer os segredos dramaticos, cujas custosas conquistas só se adquirem á força de estudo e por organizações privilegiadas, nascidas para a arte. A sr.^a Borghi, no papel de Selika, houve-se como uma verdadeira artista melodramatica. Selikas temos conhecido mais *selvagens*, porém, não tanto espirituaes e commovedoras como a sr.^a Borghi, que matizou este grande vulto com toda a fantastica inspiração da enamorada selvagem africana. No final, cahiu bastante pelos esforços da voz, que pareciam afogar-se ao calor dos miasmas deleterios da fatal arvore da mancenilha. No nosso modo de apreciar as cousas, a sr.^a Borghi-Mamo necessita um descanso prolongado, pois se nota estar excessivamente fatigada por um sobrecarregado e continuo trabalho, pouco conveniente para os seus annos. A sr.^a Boronat, no papel de Ignez, fez o que pôde para contentar o publico, sendo applaudida em algumas passagens. Sua voz, de um timbre regular, não está ainda desenvolvida, e o seu methodo de canto não está tão pouco em condições de contrabalançar a sua imperfeita vocalisação. No septimino desafinou de um modo notavel, fazendo sahir de tom os seus companheiros, vendo-se o sr. Bassi na necessidade de suspender o ultimo accordo, para evitar a dissonancia que resultaria entre a massa orchestral e a do paleo scenico. A parte de Nelusko, confiada a Battistine, foi medianamente desempenhada. Sua voz doce e de um timbre pouco barytonal, não é das que mais se accomodam n'este papel. E uma voz demasiado branda, para esse papel demasiado insolito e de febril agitação selvagem, como o de Nelusko.»

*
* *
A estação lyrica, em Londres, foi inaugurada no Covent Garden com a *Aida*, por Rezzke, Scalchi, Vergnet, Cotogni e Silvestri. Na *Lucia* tomaram parte Semblic, tenor Marin e o barytono Athos.

*
* *
Estão escripturados para a proxima estação lyrica em Madrid os seguintes artistas : Pozzoni, Pasqua, tenor Gayarre, baritonos Verger e Maurel, e baixo Rezzke.

*
* *
Fez furor no theatro Alfieri, de Turim, um tenor africano, que cantou no idioma patrio.

*
* *
Agradou muito no Rio de Janeiro a violinista Camilla Urso.

*
* *
A companhia dramatica italiana, a que pertence a eminente actriz Adelaide Tessero, que trabalha actualmente no Rio de Janeiro, tem obtido grande exito. A concorrencia, porém, como succedeu em Lisboa a Giacinta Pezzana, é que tem sido pouco numerosa. Entre as peças já representadas conta-se a *Dora*, *Divorçons*, *Prinzeza de Bagdad*, *Maria Stuart*, etc.

*
* *
Paola Marié que, como os nossos leitores sabem, está actualmente no Rio, fez beneficio com a *Mignon*, sendo entusiasticamente applaudida. Tendo ido convidar o imperador do Brazil para assistir á sua festa, este presenteou-a com um conto de réis. Além d'isso recebeu dentro d'um envelope de seda, com as côres do Brazil e França, o *cadeau* de 2:700\$000 réis e um bracelete, em forma de serpente, cravejado de brilhantes e rubis.

*
* *
Á actriz Pepa, que se acha actualmente na capital do Brazil, e que continua a ser muito festejada, foi offerecido no ultimo espectáculo em que tomou parte um bonito ramo de pennas, com um grande laço de fita, tendo bordado a oiro o nome da actriz e estas palavras: *Ao genio*.

EXPEDIENTE

Vamos abrir na nossa revista, satisfazendo assim os desejos de muitos dos nossos leitores, uma nova secção de charadas, problemas, logogriphos, etc, premiados.

Essa secção será exclusivamente dirigida pelo sr. Matheus Peres, residente em Cuba, a quem deverão dirigir-se as pessoas que remetam charadas destinadas ás RIBALTAS e as que enviem a decifração das mesmas, devendo os premios ser reclamados na redacção das RIBALTAS, rua dos Fanqueiros 87, entregando-se só e unicamente á pessoa que apresente uma declaração assignada peio director da secção de charadas, o sr. Matheus Peres.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

FELICIDADE

Em S. Petersbourg, um pobre cego pedia a uma fidalga que lhe permittisse beijar-lhe a mão ao dar-lhe a esmola. A luva que ella usava era odorifera como as que o *Centro Commercial* manipula. Acostomou-se elle áquelle perfume; e uma tarde, ao crepusculo, perto de um castello solar, o cego tropeçou e caiu ao lado de um corpo inanimado, tocou na bella mão e pela luva reconheceu a dona! Voltou, foi dizer á familia, que morava perto d'ali; foram ao logar e ainda encontraram a dama desmaiada. Se não fosse o aroma da luva, igual ao do *Centro*, que consequencia podia resultar? A noite approximava-se, o rio crescia, a morte era certa.

A dama salva gratificou o pobro cego com mil rublos, que este não recusou, radiante de jubilo, e acceitou tambem a luva odorifera que salvou a sua bemfeitora.

Da secção de luvaria do *Centro* enviam para qualquer destino a troco de estampilhas, a luva da moda. Preço: tendo 4 botões as para-senhora e 2 as para-cavalheiro, são réis 500!!!

Tambem teem ricos objectos para presentes.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

**Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil
e de grande numero de notabilidades europeas**

**Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes
e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto**

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evoluçao biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem, tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia e a Hespanha, teem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso debalde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento da lingua de Luiz de Camões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançamo-nos a dar a publico o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas, incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e expositiva.

O *Diccionario Universal Portuguez*, propriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sahe quinzenalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas, em 4.º maximo, com 144 columnas de excellente typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brazil 1\$200 réis fracos. Paga á entrega.

Assigna-se para o *Diccionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida aa proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se aceitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empresa no Rio de Janeiro os srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95.

Ao presente estão publicados 24 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que comprehende toda a letra A.